



ROTEIRO DE ESTUDOS/ATIVIDADES

UME: JUDOCA RICARDO SAMPAIO CARDOSO

ANO: 7 COMPONENTE CURRICULAR: Língua Portuguesa

PROFESSOR: Maria de Lourdes Medeiros

Período de 17 / 07 / 2020 a 31 / 07 / 2020

ATENÇÃO: ATENTEM PARA O PRAZO MÁXIMO DE ENTREGA DAS ATIVIDADES!

Atividade para os dias 20; 21 e 22/07- Entrega dia 24/07

O cavalo imaginário

Nós todos frequentávamos o mesmo colégio, naquela pequena cidade do interior. Um colégio privado, e muito caro, o que, para nossos pais, não chegava a ser problema: éramos, meus amigos e eu, filhos de fazendeiros. Nossos pais tinham grandes propriedades. E tinham muito dinheiro. Nada nos faltava. Andávamos sempre muito bem-vestidos, comprávamos o que fosse necessário para o colégio e gastávamos bastante no bar da escola.

Aos domingos nos reuníamos para andar a cavalo. Cavalos não faltavam nas fazendas de nossos pais, animais de puro-sangue e bela estampa. Cada um de nós tinha a sua própria montaria, e não estou falando de pôneis, aqueles cavalinhos mansos; não, estou falando de cavalos de verdade, cavalos que corriam muito e saltavam obstáculos. Estou falando de equitação, aquele nobre esporte. Nossos pais faziam questão de que fôssemos excelentes ginetes. Tínhamos até um professor, que nos treinava na arte de cavalgar.

Eu disse que cada um de nós tinha um cavalo, mas isso não é verdade. Havia um que não tinha cavalo. O Francisco.

O Francisco não era filho de fazendeiro. O pai dele tinha uma profissão humilde, era sapateiro. Na verdade, o Francisco só estava em nossa escola porque havia recebido uma bolsa de estudos - era um garoto muito inteligente e muito dedicado. Mas o que fazia em nosso grupo?

Boa pergunta. Acho que nenhum de nós saberia como responder. Diferente dos outros garotos da escola - a maioria dos quais nos detestava -, ele tinha por nós uma admiração que beirava a reverência. Sempre que podia estava por perto. Mais do que isso, oferecia-se para prestar pequenos serviços. Se um de nós queria um refrigerante, o Francisco ia buscar. Se um de nós deixava de apresentar o trabalho solicitado pelo professor, Francisco se encarregava de fazê-lo. Por isso, e só por isso, nós o tolerávamos. Por isso, e só por isso, permitíamos que andasse conosco. Durante a semana, bem entendido; porque no domingo as coisas mudavam. No domingo ele voltava para o seu lugar. Domingo era o dia de cavalgar, e, do alto de nossas selas, nós contemplávamos, altaneiros, o mundo a nosso redor. Como eu disse, Francisco não tinha cavalo. Isso não impedia que cedo já estivesse no clube hípico, esperando por nós. Ficava a olhar-nos, enquanto galopávamos de um lado para o outro. E nós gostávamos de tê-lo como plateia, porque nos aplaudia entusiasticamente. Mais do que isso, procurava imitar-nos: galopava de um lado para o outro, como se estivesse montando um cavalo imaginário. Nós na pista, cavalgando - ele, ao lado da pista, trotando de um lado para outro e gritando como nós gritávamos, aqueles brados que os cavaleiros soltam quando se entregam ao esporte das rédeas.

De um modo geral, achávamos engraçado aquilo. Não Rodrigo.

Era um cara desagradável, aquele Rodrigo. Mesmo nós, que éramos amigos dele, tínhamos de reconhecer: um garoto intratável, agressivo com os colegas e até com os professores. A má fama que o nosso grupo tinha devia-se sobretudo a ele. Mas a verdade é que tínhamos de aceitá-lo: seu pai não apenas era o maior fazendeiro da região, como também ocupava o cargo de prefeito da cidade. Rodrigo era seu filho caçula - e o mais mimado. Um garoto estragado, como dizia meu pai.

Rodrigo não gostou nada daquela história. E nos disse:

- Não quero mais saber desse tal de Francisco nos imitando.

Procuramos convencê-lo de que se tratava apenas de uma brincadeira. Inútil: Rodrigo estava furioso mesmo.

- Vou resolver essa coisa à minha maneira - garantiu.

Foi o que fez. Num domingo, enquanto Francisco cavalgava seu cavalo imaginário, Rodrigo se aproximou dele. Apeou e comandou:

- Desça de seu cavalo.

Francisco obedeceu: desceu do fictício cavalo.

- Nós vamos fazer uma aposta - disse Rodrigo. - Se eu perder, entrego-lhe o meu cavalo. Se você perder, entrega-me o seu.

- Que aposta é? - indagou Francisco, numa voz trêmula.

- Uma corrida - disse Rodrigo. Apontou umas árvores, a uns duzentos metros de distância: - Até ali, e voltamos. Quem chegar aqui primeiro, ganha.

Lembro-me de que o sangue me subiu à cabeça.

- Olha aqui, Rodrigo - comecei a dizer -, você não pode - Francisco me interrompeu:

- Eu aceito a aposta - disse, com voz firme, ainda que meio embargada. - Quero correr.

Foi uma coisa patética de se ver. Os dois se colocaram lado a lado e, a um sinal, começou aquela coisa maluca. Rodrigo simplesmente trotava em seu magnífico cavalo, Francisco corria atrás - sem conseguir alcançá-lo. Rodrigo foi até as árvores, voltou. Minutos depois Francisco, ofegante. Rodrigo mirou-o com arrogância:

- Parece que eu ganhei, não é mesmo?

Francisco, ainda ofegante, permanecia calado.

- Seu cavalo agora é meu - continuou Rodrigo. - E sabe o que vou fazer com ele? Vou soltá-lo no campo. Ele agora está livre, você não pode mais montar, entendeu?

Francisco, quieto. Rodrigo apanhou as rédeas imaginárias e foi até o portão do clube. Ali, espantou o suposto cavalo aos gritos. Feito isso, montou em seu próprio cavalo e foi embora.

Francisco nunca mais foi ao clube. Aliás, ele nem ficou na cidade. Segundo o pai, tinha ido morar com os avós num lugar bem distante.

Nunca mais o vi. Não sei o que foi feito dele. Dizem que vende automóveis, não sei. Mas tenho certeza de que sei o que sonha: com um belo cavalo, no qual, montado, galopa à vontade por um imenso campo que não tem limites.

Moacyr Scliar. In: **Pipocas** / Moacyr Scliar, Rubem Fonseca, Ana Miranda. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 10-13. Coleção Literatura em minha casa; v.2 Crônica e conto.

Desvendando o texto

1 O conto "O cavalo imaginário", de Moacyr Scliar, começa com a apresentação de um grupo de amigos.

a) Como é possível perceber que o narrador é um personagem da história?

b) O narrador é o personagem principal? Explique sua resposta.

c) Que característica do narrador e dos amigos dele é destacada no início da história?

d) Essa característica é importante para a compreensão do que será narrado na sequência? Por quê?

e) A narrativa se passa em uma pequena cidade do interior. Que elementos do texto são típicos de lugares como esse?

2 Francisco interagia com o narrador e seus amigos. Segundo a narrativa, o garoto era, de fato, aceito pelo grupo? Por quê?

3 Releia o seguinte trecho.

"Era um cara desagradável, aquele Rodrigo. Mesmo nós, que éramos amigos dele, tínhamos de reconhecer: um garoto intratável, agressivo com os colegas e até com os professores. A má fama que o nosso grupo tinha devia-se sobretudo a ele. Mas a verdade é que tínhamos de aceitá-lo: seu pai não apenas era o maior fazendeiro da região, como também ocupava o cargo de prefeito da cidade. Rodrigo era seu filho caçula - e o mais mimado. Um garoto estragado, como dizia meu pai."

a) O parágrafo apresenta o personagem Rodrigo. Que palavras foram empregadas para evitar a repetição de seu nome?

b) Em sua opinião, Rodrigo estava incluído no grupo? Justifique sua resposta.

c) Quais são as duas características do pai de Rodrigo descritas no parágrafo?

d) Que par de expressões é responsável por indicar a soma dessas características?

4 Releia o seguinte trecho.

"Durante a semana, bem entendido; porque no domingo as coisas mudavam. No domingo ele voltava para o seu lugar. Domingo era o dia de cavalgar, e, do alto de nossas selas, nós contemplávamos, altaneiros, o mundo a nosso redor."

a) De acordo com o narrador, no domingo Francisco "voltava para o seu lugar". Por que esse comentário revela uma separação entre os meninos ricos e Francisco?

b) A expressão "do alto de nossas selas" tem valor literal e figurado. No primeiro caso, refere-se à posição sobre o cavalo. E no segundo caso?

c) Que palavra do trecho revela a mesma ideia contida na expressão?

A partir de qual palavra ela se formou?

5 Releia a resposta de Francisco.

"- Eu aceito a aposta - disse, com voz firme, ainda que meio embargada. - Quero correr."

a) A palavra embargada significa "contida", "reprimida". Que expressão usada no texto sugere que o sentido de embargada contradiz a ideia expressa por firme? Indique uma palavra ou expressão de sentido equivalente.

b) Por que o uso do discurso direto nesse trecho torna a narrativa mais viva, mais intensa?

6 A corrida entre o cavalo de Rodrigo e o de Francisco foi chamada de "aquela coisa maluca" pelo narrador.

a) Por que ele descreve a situação desse modo?

b) Enquanto Francisco corria, Rodrigo trotava. Veja no glossário o sentido da forma verbal trotava e explique qual seria a intenção de Rodrigo ao conduzir o cavalo daquela maneira.

7 Releia alguns trechos em que são descritas reações de Francisco.

a) "[...] ele tinha por nós uma admiração que beirava a reverência." Se fosse dito que "beirava o respeito", a intensidade da admiração seria reforçada ou atenuada?

b) "Foi uma coisa patética de se ver." O adjetivo patético refere-se a algo capaz de despertar piedade, tristeza ou terror. Qual desses três sentimentos se encaixa melhor no contexto da narrativa?

8 O narrador afirma não saber qual foi o destino de Francisco.

a) Que imagem de Francisco ficou na memória do narrador?

b) "Galopar à vontade por um imenso campo que não tem limites" é uma metáfora. Que ideia ela representa?

9 A narrativa revela dois tempos diferentes: o momento em que o fato acontece e o momento em que ele é narrado.

a) Como é possível saber que o narrador, no momento em que contou a história, já é um adulto?

b) Quais são as atitudes do narrador em relação a Francisco nos três momentos a seguir?

I. Quando apresenta Francisco ao leitor.

II. Quando fala sobre a aposta de Rodrigo.

III. Quando se lembra do menino.

c) Por que o narrador fez questão de contar seus sentimentos iniciais por Francisco, embora depois tenha mudado seu ponto de vista?

Atividade para os dias 27; 28 e 29/07- Entrega dia 31/07

Quadros em movimento

A mala voltara quase vazia; mas a mente vinha repleta. Visitara museus, bibliotecas e livrarias.

O pequeno quadro, presente de um amigo, foi acomodado entre os inúmeros que pendiam assimetricamente da parede da sala. Encontrar um espaço ali era quase impossível. Afastou-se para ver o resultado e teve a impressão de que algo se movera. Aproximou-se com medo de que fosse um inseto. Não viu nada.

Os quadros mais antigos se alargaram e forçaram os mais recentes a se comprimirem. Nesse empurra-empurra alguns se inclinaram Ingrid percebeu um leve rumor e recolocou-os em seus lugares. As cinco mulheres de branco que, no quadro de moldura negra, se dirigiam às suas casinhas assustaram-se com o movimento e apressaram o passo.

A luz atravessou a janela e pousou sobre o quadro em que uma moça caminhava por uma rua ensolarada. Ela estancou, largou a cesta que mantinha encostada ao quadril e rodopiou sobre o calçamento irregular. Ingrid pôs um CD de Chico Buarque e iniciou uns passos de dança. As pessoas do quadro em tons vermelho e negro, que observavam uma festa popular, voltaram-se e aplaudiram com entusiasmo. Sem perceber o que se passava na parede de sua casa, Ingrid apanhou as ilustrações que trouxera do Museu d'Orsay e estendeu-se no sofá abaixo do

quadro em que um pintor fazia seu autorretrato. O pintor abandonou palhetas e tintas e passou a observar, junto com ela, as reproduções.

Um forte sopro de vento alçou as cortinas e avivou as figuras dos quadros. As três mulheres que conversavam, ao lado de grandes cestos cheios de conchas, despiram suas longas saias, retiraram os panos da cabeça e correram, numa nudez branca, em direção ao mar. Ao mesmo tempo, as pessoas do quadro abaixo, que caminhavam com tranquilidade ao lado do Sena, puseram-se a correr confusas em todas as direções. Já não se obedecia aos limites impostos pelas molduras. Aprisionadas no tempo, não sabiam para onde ir ou o que fazer. Atônitas descobriam um novo mundo.

Uma mulher que parecia ter saído de uma revista de modas da década de cinquenta falou em francês para um enorme galo que se mantinha parado: Por que você não se move? O galo mexeu a cabeça e respondeu em português: Estou nesta posição desde 1972, não consigo mexer as pernas.

De repente, formou-se um grande círculo e reclamações de toda ordem foram ouvidas em diferentes línguas. Todos se entendiam: "Fui paralisada enquanto caminhava para casa", "Estou há anos sem tomar banho", "Não sei o que foi feito da minha família", "Nem pudemos entrar em casa, depois da festa de Iemanjá", "Quantos anos se passaram? Estou jovem e minha filha deve estar velha", "Por que fomos aprisionados?", "Eu nunca terminei meu autorretrato. Temos que fazer alguma coisa".

Durante a confusão uma moldura caiu. Ingrid levantou-se atordoada. Estava mesmo precisando descansar, suas pernas pareciam não lhe pertencer. Apanhou o quadro e, ao colocá-lo de volta, parou perplexa: a tela não tinha qualquer vestígio de tinta. Disponível em: . Acesso em: 30 maio 2018. **(livro)**

Refletindo Sobre o Texto

1 A protagonista voltou de uma viagem à França.

- a) Qual é o nome de um dos museus que visitou?
- b) Que tipo de viagem ela fez, considerando que "a mala voltara quase vazia; mas a mente vinha repleta"?
- c) O interesse de Ingrid pela arte parece ter surgido nessa viagem em particular? Explique sua resposta.
- d) É correto afirmar que apenas a arte estrangeira agradava a ela? Justifique.

2 Compare a situação inicial deste conto com a narrada em "Cavalo imaginário". Qual delas é mais breve? Justifique sua resposta.

3 Os quadros na parede da residência são fundamentais para o estabelecimento do conflito.

a) Qual é o primeiro indício de que algo inusitado está acontecendo?

b) Analise as várias ações dos personagens dos quadros. Que fatores levam esses personagens a começar a se mover?

Se esse conto fosse meu...

A autora do conto optou por um título que antecipa o motivo do conflito. Que título você criaria se desejasse um efeito de mistério?

4. A partir do sexto parágrafo, as emoções dos personagens retratados nos quadros começam a ser exploradas.

a) Como você interpretou o trecho "Já não se obedecia aos limites impostos pelas molduras"?

b) Qual é a sensação comum à maioria dos personagens?

5 O conto fantástico pressupõe a dúvida do leitor sobre o que, de fato, ocorre.

a) O que poderia explicar, racionalmente, o que está acontecendo?

b) Que aspecto sugere que essa explicação não é suficiente?

c) Por que é correto dizer que, nesse conto, o clímax não é seguido de um desfecho?

d) Qual é o efeito dessa forma de construir o final?

e) A narrativa foi apresentada por um narrador em 3ª pessoa. O que mudaria caso fosse Ingrid a narradora?

Da observação para a teoria

Os contos fantásticos caracterizam-se por narrar histórias que ocorrem no mundo real, envolvendo personagens que são pessoas comuns, mas incluem situações que são ilógicas, absurdas, incompreensíveis.

O que é verossimilhança?

Os contos fantásticos misturam situações reais e situações irreais, mas, ainda assim, a história é aceita pelo leitor. Isso acontece porque os fatos narrados estão encaixados e há uma lógica entre eles. Esse efeito é chamado de verossimilhança e é uma característica das narrativas em geral. Vamos estudar esse aspecto a seguir.

1 Leia o trecho de uma novela do escritor pernambucano Luís Carlos de Santana, conhecido como Luís Fulano de Tal.

Sou estudante de línguas, faço francês.

- Para saber bem uma língua estrangeira é necessária a convivência com seus nativos, dizia o professor. Como não posso passear na França e nem no Canadá, fui para Caiena nas Guianas. É mais barato, muito mais próximo e faz calor.

Sou professor, e assim, após quatro anos de uma economia de guerra, comprei as passagens. Tirei férias no trabalho e depois de cinco dias de viagem de ônibus e mais algumas horas de tapuia, desembarquei em Caiena. Luís Fulano de Tal. A noite dos cristais. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 19

a) Entre estudar francês na França, no Canadá e na Guiana Francesa, por que o narrador optou por esta última?

b) No terceiro parágrafo, ele explica por que precisou fazer economia para viajar. Qual é o motivo?

c) A maneira como ele viajou é coerente com o fato de precisar de um lugar mais barato onde estudar? Explique sua resposta.

d) É possível saber se a situação narrada é real ou imaginária?